

O processo de profissionalização da imprensa esportiva em Natal e as demandas pela construção de um novo estádio de futebol (década de 1960)

VICTOR GABRIEL CAMPÊLO ASSUNÇÃO*

O fim do Machadão foi silencioso. O histórico de descaso e falta de manutenção, além da reestruturação do futebol nacional a partir de 1989 distanciando os clubes natalenses da elite do futebol nacional, criaram um sentimento de indiferença com o destino do estádio da Lagoa Nova.

No fim, as arquibancadas de onde se ouvia os gritos das multidões ruíram lentamente e num piscar de olhos. Diferente de outros estádio que foram demolidos para dar lugar a instalações novas e cumpridoras das demandas do futebol moderno, a maneira dos templos xintoístas japoneses destruídos e reconstruídos ritualmente mas ainda mantenedores de um sentido de continuidade (CHOAY, 2001:14-15), o Machadão teve um fim. Ainda que as linhas arquitetônicas do novo estádio, o Arena das Dunas, lembrem sutilmente a ondulação característica do Machadão, todo sentido do projeto busca marcar o corte e a descontinuidade com o estádio anterior.

Como Benjamim ao percorrer os labirintos de sua infância e dessa maneira, também, de toda uma geração na Berlim por volta de 1900 (BENJAMIM, 1987), é possível por meio das memórias individuais de torcedores, jogadores e consumidores do estádio reconstruir as experiências das arquibancadas e o que elas nos apresentam da experiência urbana na cidade do Natal a partir dos anos 1970.

Nosso objeto parte de um momento anterior: os projetos de construção. Deste modo repousamos nosso olhar no momento intermediário, entre algo que não possui existência física mas que já deixou de ser simplesmente uma visão utópica, no “tempo da cidade como projeto”, o momento entre pensamento mítico e a ação concreta. Assim um projeto de estádio além de um procedimento técnico, é concebido enquanto intenção política e social. (VIDAL, 2009:11-15)

O estádio João Castelo Branco, o Castelão foi projetado por Moacir Gomes¹ e inaugurado em 1972, o impulso final de sua construção, assim como de vários outros estádios no Brasil fazem parte do contexto de articulação do Campeonato Nacional de Futebol no fim da década de 1960. No entanto, bem mais antigo é o desejo de construir um grande estádio para a cidade, desde os anos 1950 a crítica esportiva expressava nos jornais o estado de precariedade das instalações esportivas do estádio Juvenal Lamartine (inaugurado em 1928), de sua insuficiência estrutural para atender as novas demandas do futebol, bem como, da necessidade de dotar a cidade do novo aparelho urbano que atenderiam as novas necessidades da metrópole que surgia.

Além do Estádio que de fato se ergueu e que se monumentalizou, outros projetos abortados, não concretizados propunham a construção de grandes praças esportivas para a cidade. Produzidos dentro de seus contextos sociais e culturais específicos, das demandas trazidas pelo crescimento do espaço urbano, pensados a partir dos projetos políticos e sociais das elites políticas dirigentes, procuram responder a uma projeto comum: a inserção popular no esporte.

O “Castelão” inaugurado no bairro da Lagoa Nova por Cortez Pereira em 1972, começa a ganhar contornos mais efetivos com a doação de um terreno pelo governador Dinarte Mariz em 1960 e a criação da Fundação de Esportes de Natal (FENAT), uma autarquia criada especificamente para cuidar da construção do estádio, em 1966.

No entanto, existiram projetos de estádio anteriores que visavam a substituição do estádio Juvenal Lamartine. Desde de pelo menos a década de 1950, diversos são os projetos e de estádio de futebol para a cidade do Natal a partir da década de 1950, entre eles, “Estádio Santos Reis” (1951-56) projeto surgido durante o mandato do governador Sílvio Pedroza, passando pelo “Estádio Olímpico de Natal” (1959-1963) iniciativa do Prefeito Djalma Maranhão. Os projetos e ações em torno da viabilização de tais propostas nos permite dimensionar a importância e o peso das demandas e necessidades do esporte local.

* Mestrando do Programa de Pós Graduação em História e Espaços da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

¹ Nasceu em Caicó, interior do Rio Grande do Norte, formou-se em arquitetura pela UFRJ em 1954. Alguns edifícios importantes projetados por ele são: o Pórtico dos Reis Magos, Edifício Sede do DER/RN, Faculdade de Odontologia da UFRN.

O contexto de construção do “Castelão” dos numerosos estádios construídos durante o regime militar. O processo de espetacularização do futebol, com a inserção e estabelecimento de uma mídia especializada na cobertura esportiva, assim como o constituição de uma cultura de consumo de massas vão dar novos contornos a realidade do futebol².

Interessante perceber como a construção dos estádios no Brasil, assim como em Natal, na década de 1960 e no pós 1970 estão ligados intimamente com um processo de transição entre um intercâmbio regional existente há consolidação de uma nacionalização do esporte com o surgimento do campeonato brasileiro de futebol em 1971³. Sendo importante questionar as articulações e construções indetitárias decorrentes desse novo sistema de disputa.

Por outro lado as vitórias do selecionado brasileiro nas Copa do Mundo FIFA de 1958, 1962 e 1970 constituíram uma memória largamente utilizada pelo regime em termos de construção de uma legitimidade política, buscava-se associar a imagem de sucesso da seleção com o desenvolvimento econômico brasileiro. Assim neste período o Brasil vivencia o auge da relação estabelecida entre esporte, sociedade e política:

Ora, Copa de 1970, construções de estádios, o aparecimento da Loteria Esportiva, a Copa da Independência e o Campeonato Brasileiro formam um conjunto de fenômenos que devem ser analisados em sua relação com o projeto político imposto pelo Governo Médici. (FERREIRA, 2011:5)

Outra questão que se coloca ao pensar as demandas em torno da construção do novo estádio é a da especialização de uma imprensa e da crônica esportiva em Natal. Durante a década de 1960 as sessões esportivas dos três jornais da cidade pesquisados⁴ se reestruturaram e passam a contar com matérias diárias fazendo a cobertura não somente do futebol mas de todo o panorama esportivo da cidade que perpassava os campeonatos de basquetebol, vôlei e futebol de salão realizados nos ginásio Silvio Pedrosa e posteriormente no Palácio dos Esportes, além da tradicional prática do remo no rio

² A Copa do Mundo FIFA de 1970, vencida pelo Brasil e sediada no México, foi a primeira Copa do Mundo televisionada para todo o mundo. No Brasil o processo de popularização da televisão na década de 1970 é um fator importante para entender a memória construída em torno da conquista brasileira.

³ Anteriormente ao surgimento do Campeonato Brasileiro, existiram a Taça Brasil, a partir de 1959, disputada em fases eliminatórias pelos campeões estaduais e o O Torneio Roberto Gomes Pedrosa, de 1967-1970, que envolveu clubes de todas as regiões do país.

⁴ Diário de Natal, Tribuna do Norte e A República.

Potengi. Mas o futebol de campo é sempre o centro das atenções recebendo maior espaço nos jornais e contando com campanhas que duram toda a semana com o objetivo de estimular os torcedores a comparecerem a Juvenal Lamartine. Além disso as seções esportivas passam a contar com uma cobertura fotográfica das partidas lance a lance, uma novidade já presente em outros veículos do país.

No fim dos anos 1950 vai se fundada a Associação dos Cronistas Esportivos (ACE), associação de classe criada com o intuito de melhorar a qualidade das coberturas esportivas locais e defender os interesses de seus associados. A atuação dos cronistas esportivos vai ser determinante para entendermos as relações empreendidas entre imprensa, dirigentes e poder público, vai haver claramente um processo de circulação entre esses indivíduos e os setores que eles ocupam. Jornalistas que diariamente estampam sua preocupação com a situação de abandono do Juvenal Lamartine vão ser recompensados com assentos importantes nas várias comissões de construção do novo estádio, bem como dirigentes esportivos vão assumir cargos públicos na administração estadual e municipal, usando os clubes esportivos muitas vezes como importantes bases de sustentação política.

Além disso a relação entre os periódicos e as classes políticas dominantes eram bastante estreitas, atuando muitas vezes como porta-vozes das ações, projetos e da ideologia dos grupos políticos a que estavam atrelados. O Jornal A República fundado pelo líder político republicano Pedro Velho de Albuquerque Maranhão circulou sua primeira edição em 1889. O jornal republicano tornou-se a partir de 1928 um meio de divulgação dos atos do governo e o órgão oficial do estado. O Tribuna do Norte foi fundado em 24 de março de 1950 pelo então deputado federal, e a partir de 1960 governador do estado, Aluizio Alves. O Diário, fundado em 1939 por um grupo de jornalistas locais, que mais tarde passaria a ser chamado Diário de Natal (1947), a partir da venda ao Grupo Associados, de Assis Chateaubriand.

De que maneira se articulam e quais os interesses de dirigentes esportivos, políticos e jornalistas esportivos ao demandar e propor a construção de um novo estádio para a cidade? De que maneira dirigentes, políticos e jornalistas representam a si mesmo enquanto “esportistas”, e qual o papel dessa esportividade em suas atuações políticas? São questões que pretendemos levantar.

*

O estádio Juvenal Lamartine foi inaugurado em 1928 com uma capacidade para 600 pessoas mas que chegou a contar com 8.000 lugares no fim da década de 1960 sempre foi um parâmetro de comparação que demonstrava o atraso do esporte potiguar em relação aos estados vizinhos. Tendo servido bem a necessidade da cidade por muito tempo começava a mostrar sinais de esgotamento já no fim da década de 1950. A falta de um sistema de iluminação, a precariedade do gramado, as insuficientes e desconfortáveis instalações de arquibancada são algumas das questões rotineiramente relatadas e que engrossava o coro dos que ansiavam por um novo estádio a altura da cidade, que no período entre 1940 a 1970 quintuplica em população (SOUZA, 1976). Sobre a possibilidade da vinda dos selecionados femininos do Rio de Janeiro e de São Paulo a crônica esportiva lamenta:

Pensando bem, a gente chega a dolorosa conclusão de que não adianta tentar porque seria um desastre trazer as meninas para se exibirem no estádio Juvenal Lamartine . As condições do gramado são as piores do mundo. As vedetas teriam que usar de muita precaução nos blocos de areia e barro existentes no campo para evitarem fraturas do pé e da perna ou talhaduras, correndo, ainda, o risco de uma gripe, pois a poeira ali dá na canela, como diz o vizinho. (TRIBUNA DO NORTE, 4-9-1959)

Além disso as condições do estádio impediam a promoção das embates interestaduais, prática comum e bastante rentável aos clubes esportivos, esses embates envolviam costumeiramente os campeões e vice-campeões dos estados vizinhos e por vezes os clubes dos grandes centros enfrentando os campeões locais.

O alto prócer do vice-campeão que se mostrava bastante agastado com a situação do estádio “Juvenal Lamartine” disse ao DN que a fase má da dupla ABC-Alecrim é reflexo do atual estado de coisas, referindo-se claramente às arrecadações nos amistosos inter-estaduais, sem a dependência das gerais e impossibilidade de realizar temporadas em parceria, quando em duas partida, sendo uma, noturna, haveria “chance” de maior sucesso financeiro. O Alecrim abriu campanha para a recuperação da iluminação do estádio, mas não caminhou. (Diário de Natal, 25-3-1966)

Nas páginas da imprensa esportiva outra questão que chama atenção ante as insuficiências estruturais do Juvenal Lamartine é o foco nas manifestações vindas da

arquibancada. Apesar das reclamações constantes por conta da limitação de lugares disponíveis, passa a ser comum na crônica esportiva demonstrações de espanto e repúdio ante a invasão de atitudes e procedimentos não condizentes com a esportividade, procedente de atores provenientes das classes populares.

Não pode ficar apenas no terreno dos comentários o grave problema da invasão do gramado – antes, durante e após as partidas, pelos torcedores usuários da nova arquibancada.

Até então, as providências (se é que podemos assim chamá-las) vêm sendo da colocação de uma meia-dúzia de soldados tentando afastar os torcedores do gramado, ensinando-lhes o caminho da arquibancada. (Tribuna do Norte, 19-4-1966)

Essa questão articula-se diretamente com a linha editorial seguida pelos jornais da cidade a partir da década de 1960. O crescimento da cidade no período suscita o interesse dos jornais para além da questão dos subúrbios e da falta de estrutura desses, ganha visibilidade a questão das práticas desviantes e criminosas que aparecem com um tom jocoso e de sensacionalismo. A cobertura esportiva se interessa cada vez mais em noticiar os desentendimentos, brigas, e contravenções cometidas dentro e fora de campo.

ABC e América já começou seu placar: 2 são detidos

As melhores brigas começam pelas grandes amizades. Pois bem: Luis Lopes Galvão, vendedor de bacias, começou a conversar com seu velho amigo, João Pedro da Silva, 39 anos, que profissionalmente é mais gabaritado: fotógrafo ambulante (...) Conversa vai, conversa vem, e iam e vinham mais chamadas de cana, os amigos passaram a falar do próximo ABC e América. “Todo americano chia”. Foi a convicção do bacieiro. O outro, americano convicto, não gostou. Como todo americano, que se conforma com 448 dias de derrota do alvi-rubro. Os alicerces estremeceram. (...) Resultado: os palavrões de filho dessa, filho daquela, daquela outra e da que vem pela frente começaram a aparecer. Luis deu um bofete em João que, por sua vez, respondeu com uma garrafada que deixou seu velho amigo contando formigas no chão. (...) Levados para a delegacia (a vítima com passagem normal pelo HC), vieram as acusações mútuas. “Ele bebeu e não pagou”. E a resposta veio na ponta da língua: “Não pagou porque é americano”. E nova intervenção: “Você já viu abecedista pagar conta?”. (DIÁRIO DE NATAL, 27 fev. 1971)

É bastante claro o caráter cômico da notícia, ao relacionar o “gabarito” das profissões dos envolvidos com o ridículo da situação narrada. Ao relacionar o anúncio do jogo com uma situação do cotidiano o jornalista tem a clara intenção de estimular o comparecimento do público. Para nós a notícia nos informa do caráter constante da

situação também em dias de jogo. E nos faz questionar as representações construídas em torno do torcer classes populares

As apostas entre torcedores que frequentam os grandes jogos domingueiros, no “Juvenal Lamartine“, são cada vez mais constantes e isso vem provocando brigas, porque os que perdem nem sempre se submetem a derrota e procuram fugir à dívida empenhada, A foto acima mostra um flagrante colhido no final do jogo ABC x Alecrim, ontem, naquele Estádio, quando um popular conhecido por “Tampinha” era levado por dois fortes soldados da RP, depois de trocar tapas com um abecedista que levou a melhor numa aposta feita em nome do campeão potiguar de 65. (DIÁRIO DE NATAL, 31-01-1966)

Esse tipo problema nos faz questionar as representações construídas em torno do torcer das classes populares, e as vontades de controle e ordenamento que podem estar presentes nos projetos de construção do novo estádio.

Além das necessidades operacionais do esporte que estão ligadas a sobrevivência dos clubes e do novo panorama esportivo da cidade, as demandas para construção do novo estádio passa por uma questão de interesses e articulações políticas. A imprensa no período focalizado se esforça por construir um discurso que coloca em pé de igualdade as ações efetuadas na área esportiva com outras áreas vitais. Sendo uma constante a presença de membros da imprensa em comissões relativas a construção do estádio, inserindo a figura do jornalista e cronista esportivo para além da simples tarefa de informar, nos levando a questionar quais relações o jornalismo esportivo mantém com o poder público. Duas situações são paradigmáticas nesse sentido.

Djalma Maranhão político nacionalista de forte inclinação popular, exerceu por meio de indicação do governador udenista Dinarte Mariz a prefeitura de Natal entre 1956 a 1959, licenciando-se algumas vezes durante esses períodos para assumir o cargo de deputado estadual, respondendo nesses períodos pela liderança do governador do estado (82-83). A partir de 1958 há uma quebra nessa aliança, concretizada com a eleição de Djalma Maranhão para Deputado Federal em 1959, neste mesmo ano este consegue aprovar um projeto de lei que destinava 15 milhões de cruzeiros para a construção do Estádio Olímpico de Natal:

(...) o esporte, notadamente o futebol, representa na época em que vivemos não somente o fator básico no aprimoramento físico das gerações, mas, também, importante fator de entrelaçamento e divulgação de todos os países do mundo. Natal, cidade que já ultrapassou o número de duzentos mil habitantes... Além de outras deficiências falta-lhe um estádio para a prática do futebol e do atletismo

(Maranhão, 1959)

Em 1960 disputa a primeira eleição direta para a municipalidade da capital e passa integrar uma frente política chamada Cruzada da Esperança, tendo Aluísio Alves como candidato a governador do Estado. A partir desse momento o capital político adquirido pelo “esportista” Djalma Maranhão em torno do projeto de construção do estádio passa a ser disputado por seu aliado e pelo então governador Dinarte Mariz, e seu sucessor Djalma Marinho.

No dia 17 de março de 1960 sete meses antes da eleição, o jornal A República lança a seguinte manchete: “Gov. Dinarte Mariz comandará a grande batalha pela construção do estádio” (A REPÚBLICA, 1960), relatando a criação de uma nova comissão para construção do estádio, nos meses seguintes o local escolhido para a obra (formalizado com a doação de um terreno de) vai ser transferido do bairro de Santos Reis, próximo ao bairro das Quintas para o bairro de Lagoa Nova. Tal proposta do governador vai ser interpretada pelos jornalistas da Tribuna do Norte como uma tentativa demagógica de tirar das mãos do Prefeito Djalma Maranhão a iniciativa de construção do estádio.

Assim nos sete meses que antecederam a eleição de outubro de 1960 a seção de esportes da Tribuna do Norte, especificamente por meio da coluna “Chutando em Goal”⁵ de Roberval Pinheiro, vai se posicionar de maneira crítica e enfática contra a inoperância da comissão de construção do estádio e da cobertura tendenciosa do jornal A República.

Voltemos, hoje, a falar no tão decantado “Estádio Municipal”, que os nossos confrades da imprensa governista insistem em impingir, aos menos incautos, como fato consumado (...) Não somos, deliberadamente, contrários ao estádio. Não. Absolutamente. A nós não interessa de onde venha. O estádio é uma necessidade imperiosa, e esperança que venha a ser realidade. E estamos prontos a aplaudir aquele que, pelo menos, der meio para sua concretização. Mas, paciência: já estamos muito crescidos para nos aborrecermos com o canto do galo sem saber que ele está no nosso terreiro (TRIBUNA DO NORTE, 13-07-1960)

Aluísio Alves por outro lado, também se utilizou fortemente do futebol para promover sua campanha promovendo amistosos no Juvenal Lamartine entre o Abc FC e clubes de fora do estado, dando grande apelo popular aos eventos. Além disso em

⁵ No período citado, de março a outubro, a coluna vai tratar sobre a questão da construção do estádio quinze vezes. A escolha de um jornalista específico dentro do espaço de uma coluna de opinião para efetuar os ataques as ações do governo tem o claro propósito de dissociá-los da fala do candidato Aluísio Alves.

consonância com o caráter geral de apelo popular da campanha, tais eventos se esforçam em relacionar a imagem de Aluísio Alves com o Abc FC e sua torcida do povo (representação que está em plena construção no período):

Convidado para dar o ponta-pé inicial do jogo entre Abc e Treze de Campina Grande, o candidato da esperança percorreu, aténs, todo o Estádio, no gramado, recebendo aplausos de toda a massa que lotava completamente aquela praça de esportes. As manifestações se sucediam à medida que Aluísio atingia cada angulo do Estádio. (TRIBUNA DO NORTE, 8-7-1960)

*

Tais questionamentos produto de uma primeira sistematização das fontes tem o objetivo de apontar caminhos e levantar problemáticas, mesmo que na maioria das vezes as soluções estejam apenas esboçadas. Tal texto além de apresentar um panorama do estado atual da pesquisa, serve enquanto exercício de tratamento e problematização das fontes jornalísticas.

FONTES

A REPÚBLICA, Gov. Dinarte Mariz comandará a grande batalha pela construção do estádio. 17 mar. 1960

Tribuna do Norte. Revista da cidade, Coluna Instantâneos. Natal, 4 set. 1959.

____. Chutando a Goal. Natal, 13 jul. 1960.

____. Drops Políticos. Natal, 8 de jul. 1960.

Diário de Natal. Fracasso do futebol natalense não deve ser atribuído somente aos clubes mas FND tem sua parcela de culpa. Natal, 25 mar. 1966.

____. Invasão do gramado: problema que se agrava a cada partida. Natal, 19 mai. 1966.

____. Correu da Aposta. Natal, 31 jan. 1966.

____. ABC e América já começou seu placar: 2 são detidos. Natal, 27 fev. 1971.

Projeto de Lei s.n. - Câmara dos Deputados. 19 de novembro de nov. de 1959.
Arquivo particular de Marcos Maranhão.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**, v. II, Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOUDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. Programa para uma sociologia do esporte. In: **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207-220.

CARDOSO, Everaldo Lopes. **Da bola de pito ao apito final**: memória do futebol potiguar. Natal: Ed. Do autor, 2006.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.7, n.13, 1994. p. 97-113.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

CORBIN, Alain. **História dos tempos livres**. Lisboa: Teorema, 2001.

DA MATTA, Roberto (org.). **Universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

____. Futebol: ópio do povo x drama de justiça social . **Novos Estudos Cebrap**. São Paulo, vol. 1, n. 4, 1982. p. 54-60.

____. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP: Dossiê Futebol**. São Paulo, nº 22, 1994. p. 14-17.

DUNNING, Eric. Sobre os problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer: comentários críticos e contra-críticos sobre as sociologias convencional e configuracional do esporte e lazer. In: **História: questões e debates**. Paraná: Editora UFPR, n. 39, jul a dez 2003.

FERREIRA, João Fernando Pelho. **A Copa de 70, o governo Médici e a construção do morenã**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. São Paulo: Edusp, 2001.

MALHANO, Clara; HAMILTON, Malhano. **Memória social dos esportes: São Januário – Arquitetura e História**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

MANHÃES, Eduardo Dias. **Política de esportes no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MELO, Victor Andrade de. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo: Ibrasa, 2003.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

PERREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano*. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/178.pdf>. Acessado em: 15 de nov. de 2009.

_____. Pedra e o sonho: os caminhos do imaginário urbano. In: **O Imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 7-28.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Maria da Guia de Sousa. *Djalma Maranhão: ou o semeador de utopias de transformação social*. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRN, Natal, 1999.

SILVA, Wesley Garcia Ribeiro. **Cartografia dos tempos urbanos: representações, cultura e poder na Cidade do Natal (década de 1960)**. Natal: EDUFRN, 2011.

SOUZA, Itamar de. **Migrações para Natal: análise sociológica do processo migratório**. Natal, CCHLA, 1976.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002)**. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. São Paulo: n° 52, 2° semestre de 2001. p. 133-166

_____. *A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelos significados do torcer*. In: COSTA, Márcia Regina da; FLORENZANO, José Paulo (Org.). **Futebol - espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999. p. 146-166.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

____. A cidade das torcidas: representação do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. In: MAGNANI, José; TORRES, Lilian de Lucca (org.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Edusp, 2000. p. 127-155.

VIDAL, Laurant. **De Nova Lisboa a Brasília: A invenção de uma capital** (séculos XIX – XX). Brasília: Editora UNB, 2009.